

Revista EDUCAMAZÔNIA - Educação Sociedade e Meio Ambiente, Humaitá, LAPESAM, GISREA/UFAM/CNPq/EDUA – ISSN 1983-3423 – Ano 3, Vol 2, jul-dez, 2010, Pág. 9-43.

“ELE SE FAZ DE LOUCO”: IMAGINÁRIOS SOBRE OS MORADORES DE RUA DE BENJAMIN CONSTANT

Alveris dos Santos Bonfim e Cristian F. Martins

RESUMO: Esse artigo fala sobre os moradores de rua em Benjamin Constant, Amazonas. Nele, percebemos que esses atores são considerados “*outsiders*” por serem estigmatizados pela sociedade “normal” benjaminense. Finalmente, concluímos que o Estado brasileiro tem sido omisso quanto a criação de políticas públicas que tragam dignidade aos moradores de rua dessa cidade.

Palavras-chave: Moradores de rua. *Outsiders*. Amazonas.

“HE PRETENDS TO BE FOOL”: IMAGINARIES ON BENJAMIN CONSTANT CITY HOMELESS PEOPLE

ABSTRACT: This paper discusses about homeless people social imaginary in Benjamin Constant, Amazonas. We found that homeless people are considered “outsiders” because they are stigmatized by the Benjamin Constant City’s “normal” society. Finally, we conclude that Brazilian State has been neglectful in its public policies concerning the recovery of dignity of Benjamin Constant’s homeless people.

Keywords: Homeless people. *Outsiders*. Amazonas.

* Bacharel em Antropologia – Universidade Federal do Amazonas.

** Professor de Antropologia – Universidade Federal do Amazonas

INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto das pesquisas de monografia de final de curso desenvolvidas pelo discente Alveris dos Santos Bonfim e orientada pelo prof. Cristian F. Martins, no Instituto Natureza e Cultura da Universidade Federal do Amazonas, localizado na cidade de Benjamin Constant, Alto Solimões.(1) Nessa pesquisa, investigamos o imaginário que os habitantes da cidade de Benjamin Constant, Amazonas, tem dos seus moradores de rua. Para realizar esta pesquisa, foram realizadas observações participantes e, também, entrevistas com os familiares, amigos e pessoas que tinham conhecimento da história de vida dos atores pesquisados. Essas observações tiveram o objetivo de compreender o processo que leva a sociedade a atribuir a eles o problema do desvio de comportamento ou “transtorno de personalidade”, o que nos permitiu descrever parte da realidade de vida desses indivíduos e, principalmente, as percepções que os demais moradores da cidade tem deles.

Uma das razões principais para realização desta pesquisa é a nossa percepção, enquanto moradores da cidade, de que a quantidade de moradores de rua está a aumentar nos últimos anos e que as autoridades estatais não tomam as devidas providências para reverter tal situação, melhorando a condição de vida desses indivíduos.

Benjamin Constant é uma cidade do interior do Amazonas, localizada às margens do rio Javari, na fronteira com o Peru, e que dista cerca de 1121 km em trajeto fluvial da cidade de Manaus, a capital do Estado. Segundo dados do IBGE (2010), Benjamin Constant, conta com aproximadamente 33.391 habitantes, e apresenta uma realidade de abandono social em relação aos seus moradores de rua.

(1) Agradecemos a todas as pessoas que nos auxiliaram a escrever esta pesquisa, inclusive os familiares e parentes dos atores pesquisados.

Descrevemos o cenário da pesquisa, desta forma, porque não somos estranhos a essa realidade. O pesquisador de campo também não é a mesma pessoa de outras ocasiões (2). E a cidade na minha nova visão de etnógrafo ganha outra dimensão; agora é preciso estranhar aquilo que foi e ainda é familiar, conforme nos ensina Damatta (1978), ao se referir as situações nas quais o etnógrafo é parte integrante da sociedade pesquisada.

Desse modo, apesar dos moradores de rua serem familiares ao convívio cotidiano na cidade, - visto que temos áreas de circulação em comum, como a praça da Igreja Católica ou o centro comercial local -, podemos dizer que seguramente que o etnógrafo não os conhecia até a realização dessa pesquisa. E, que foi somente após a realização desse empreendimento que ele começou a observar mais atentamente o seu cotidiano de vida e os seus hábitos.

Desse modo, foi possível observar a situação de vida de alguns desses indivíduos que vivem nas ruas de Benjamin Constant e que possuem um comportamento considerado “anormal” quando comparado ao comportamento de outras pessoas consideradas “normais” que vivem nessa cidade.

Atores sociais esquecidos, “abandonados”, devido ao modo que se propuseram a viver, às margens dessa sociedade, sem manter ou desenvolver uma relação de vida “normal” como, por exemplo, ter um emprego, freqüentar os mesmos ambientes que os outros indivíduos mentalmente saudáveis freqüentam, constituir sua própria família, etc. Ao contrário, os moradores de rua são vistos como pessoas desoladas, abandonadas por seus familiares, esquecidos por seus amigos e até “endemoniados”, conforme veremos no caso de um dos nossos atores pesquisados.

Ademais, procuramos trabalhar com o imaginário sobre três moradores de ruas dos vários outros que existem na cidade, porque estes foram os que pudemos obter maiores informações sobre o modo como eles vieram a chegar ao estado em que são encontrados nos dias de hoje. O comportamento social destes indivíduos diverge dos outros cidadãos de forma destoante, deixando-os à margem da sociedade, o que faz com que freqüentemente esses indivíduos tenha da sociedade respostas desagradáveis quando tentam manter contato com os outros “normais”.

(2) Conforme já foi esclarecido, a tarefa da pesquisa de campo foi realizada exclusivamente por Alveris Bonfim e, o texto etnográfico foi escrito coletivamente, na relação de orientação da monografia.

Um desses personagens que é observado neste trabalho, conhecido como Reth, tem como principal local de moradia (dorme e fica por algumas horas do dia), a Igreja Católica de Nossa Senhora Imaculada Conceição, isto, quando não esta transitando pelas ruas da cidade, principalmente no bairro da colônia e Cohabam.

O outro, é conhecido por Piroco e o seu modo peculiar de sociabilidade com os outros indivíduos que costumam lhe chamar por esse nome é conflituosa, até mesmo quando estes falam ou gritam a palavra Piroco ou, simplesmente buzina (quando passam perto dele de moto ou de carro), pois o mesmo não gosta e isso o deixa extremamente irritado, como se esses barulhos sonoros fosse (e geralmente são acompanhados) de xingamentos. Piroco não se restringe a ficar nas ruas de Benjamin Constant, já que o seu espaço de convivência ultrapassa os limites territoriais do município, indo este até Tabatinga (Brasil) e Letícia (Colômbia).

O terceiro ator social pesquisador por este trabalho é conhecido por Doutor Saúde. Esse indivíduo incorpora vários personagens com papéis de relevância social elevada, como a pessoa doutor-médico, militar, delegado, promotor, juiz, militar de alta patente e até do reitor. Ele sofre os mesmos processos de estigmatização que os outros indivíduos pesquisados, devido ao seu desvio de comportamento.

Estes por viverem de modo “anormal”, em disfunção com as regras e normas sociais que os outros indivíduos seguem, sofrem processos de exclusão social e estigmatização. Conforme GOFFMAN (1988), o termo *estigma*, pode ser usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, que estigmatiza alguém para confirmar a “normalidade” de outrem.

Os contatos do pesquisador com Reth, Piroco e Doutor Saúde foram marcados pela distância física, social e pelo estigma em relação a eles, já que em primeira instância, antes da pesquisa, o etnógrafo-morador de Benjamin Constant estava sempre encontrando com eles pelas ruas da cidade, mas evitando ao máximo o aprofundamento desses contatos, isto é, a idéia era não incomodá-los para que eles não incomodarem.

Acerca do problema da distância social entre pesquisador e sujeito pesquisado nas sociedades contemporâneas a nossa, Velho (2003), nota que para realizarmos uma pesquisa daquilo que está muito próximo de nós, há sempre uma dificuldade para “desnaturalizar” noções, impressões e classificações. No momento inicial da pesquisa, tivemos essa dificuldade, pois, o etnógrafo, a exemplo dos demais moradores de Benjamin Constant, se incomodava com a necessidade de diminuir a distância entre ele e os sujeitos pesquisados.

No entanto, no andamento da pesquisa, a sua atitude mudou diante da necessidade de desenvolver o trabalho de campo nos termos definidos pela ciência antropológica. Com o apoio da equipe de pesquisa, houve a diminuição gradual da distância em relação aos sujeitos pesquisados e, assim, foi possível relativizar pontos de vida sobre o modo de vida do “outro”. Em termos práticos, essa postura pode ser visualizada no fato do pesquisador de campo buscar conversar com esses moradores de rua, bem como com os seus familiares, amigos e pessoas conhecidas da circulação na cidade.

Nas palavras de Taylor (2000, p.165-172, apud Martins, 2010, p.21), a tarefa do cientista social, mais do que simplesmente interpretar o mundo, é “estabelecer os limites e a forma dessa inteligibilidade” (Ibidem), então, a pesquisa tem como efeito colateral a alteração e expansão da capacidade compreensiva do pesquisador, uma vez que ele se vê obrigado a refazer continuamente as formas e os limites a partir dos quais interpreta o “outro”, num empreendimento consciente e inconscientemente comparativo. (Ibidem)

Nesse sentido, esta pesquisa, por assim dizer, “desconstruiu” muitos dos estereótipos que o pesquisador tinha em relação aos moradores de rua, - assim como Martins (2010) o fez em relação aos grupos religiosos pentecostais. De modo que, no plano geral da pesquisa, houve um esforço sistemático por realizar “grandes saltos na outro-compreensão” (Ibidem), livrando assim as nossas compreensões-reflexivas da contaminação da perigosa “hierarquização dos discursos”. (3) (Ibidem)

(3) A “hierarquização dos discursos” é um processo no qual o pesquisador valora (positiva ou negativamente) as suas visões de mundo em relação a dos grupos estudados. (Taylor, 2000, p. 172)

Conforme já foi dito, escolhemos três moradores de rua da cidade de Benjamin Constant, conhecidos como pelos apelidos de Reth, Piroco e Doutor Saúde para realizar esta pesquisa. As maneiras de agir consolidadas por estes e a maneiras de agir consolidadas por aqueles que se consideram normais, tornaram-se uma via de mão única, e estes acabam por andar na contramão das estruturas políticas que regulam a sociedade. Mas o que é essa estrutura política que regula uma sociedade?

Segundo Durkheim (1974), essa estrutura política da sociedade não é mais do que o modo pelo qual os diferentes segmentos que a compõem tomaram o hábito de viver uns com os outros. Ou seja, são as maneiras de agir, são as regras implícitas pela sociedade desde o nascimento do indivíduo, que predizem o modo de comportamento social que devemos ter diante dos outros, sendo empregada de forma coercitiva.

Assim, aos olhos da sociedade benjaminense, cada um desses indivíduos possui um ou um conjunto de atributos de anormalidade, a saber, desvio moral (caso de Piroco); “transtorno mental” (caso de Reth) e “endemoniamento” (caso de Dr. Saúde).

Construir uma pesquisa com pessoas que apresentam essas características pessoais se torna um pouco complicado quando não se tem formação na área da psiquiatria ou psicanálise. **Mas, reiteramos, nosso objetivo não é realizar uma classificação psiquiátrica desses atores, mas sobretudo perceber as categoriais sociais que a própria sociedade utilizar para classificá-los, principalmente quando falamos das razões que os levaram a condição de moradores de rua.** Por isso a própria noção de “transtorno mental” deve ser lida como categoria nativa e não como classificação médica, sinônimo popular de loucura.

Acrescentamos ainda que para compreendermos esses discursos sobre desvio moral, loucura e obsessão por entidades demoníacas, foi necessário o acompanhamento do dia-dia desses indivíduos, a descrição da a sua forma de comportamento dentro de nossa sociedade e as entrevistas com seus familiares, amigos, pessoas próximas e conhecidas a eles.

A seguir, faremos uma breve descrição de cada um desses personagens.

Reth

Esse indivíduo tem mais ou menos 40 anos, estatura alta, de cor morena, calvo, magro e barbado. Suas vestes são rasgadas, sujas e velhas, geralmente doadas por moradores da cidade. Reth costuma ainda andar calçado de chinelos, de sapatos rasgados ou simplesmente descalço.

No espaço geográfico da cidade, Reth costuma circular pela igreja Nossa Senhora Imaculada Conceição, a qual fica na Rua General Carromberth, em frente ao Centro de Informática. Essa igreja já se tornou para ele, sua casa, pois, a noite é o local onde dorme e, durante o dia, é aonde passa a maior parte do tempo. É também comum encontrá-lo se deslocando pela cidade pedindo comida nas padarias e lanchonetes.

Noutros momentos ele pede comida aos transeuntes que se alimentam nas ruas da cidade e remexe caixas de lixo, a procura de restos de comida e bebidas (latinhas de cerveja ou refrigerante).

Ele comum também observá-lo dando gargalhadas sem motivo aparente, o que reforça a imagem de que ele pode ser caracterizado como um indivíduo transtornado mentalmente ou “louco”.

Numa conversa realizada com um de meus interlocutores, dono de uma lanchonete, foi relatado que ele conheceu Reth quando este estudava no colégio Estadual Imaculada Conceição e, que o mesmo chegou a estudar com seu filho.

Segundo esse interlocutor:

O Reth era um estudante muito aplicado, que tinha boas referências e muitas namoradas. Mas, por um motivo que o entrevistado desconhece, passou a se envolver com o consumo de drogas lícitas (álcool) e ilícitas. Não sei se foi descuido da sociedade, mas ele ficou assim!

Contou ainda que chegaram a mandar o Reth para Manaus para tratamento numa “clínica de recuperação”, no “tempo do prefeito Edmar”, no que “ele deu uma melhorada”. Mas, em pouco tempo, voltou a perambular pelas ruas benjaminenses e que:

- Ele chega aqui bebido [alcoholizado] e, tem pessoas que não cooperam porque dão bebida e cigarro a ele!

Outro aspecto interessante acerca do comportamento de Reth, nos é narrado por outro interlocutor:

Não sei qual classificação dar a ele, porque louco é aquele que rasga dinheiro; pois tem horas que você consegue conversar com ele de modo normal. Tem vez que ele chega e me chama – “pai, mãe, tô com fome!” Aí, nós providenciamos alguma coisa pra ele comer.

Quando falo com outra pessoa que também o conheceu antes de seu estado atual, ela me faz um relato meio tímido, mas igualmente importante:

Pesquisador: - Faz tempo que tu conhece ele?

Interlocutor: - Rapaz, a aproximadamente 17 anos mais ou menos. Ele era um rapaz de muitos amigos que estudava no colégio Imaculada conceição.

Pesquisador: - Ele já era assim?

Interlocutor: - Não, ele tornou-se nesse estado depois que ele começou a se deslocar(4). Com vários amigos por Manaus, Benjamin Constant. Eu não sei qual foi a sua ocorrência do estado que ele se encontra.

Pesquisador: - Pra ti qual é esse estado no qual ele se encontra?

Interlocutor: - Ele é uma pessoa doentia, tem trauma, de acesso de álcool. Ou até mesmo ele pode vir a ser uma pessoa já com problema de memória. Algumas pessoas falam que foi uso né! Não só agora, mas no passado. E o seu estado demonstra que foi alguma coisa que aconteceu no seu passado referente, não sei se a falta de apoio assistencial.

(4) Viajar

Pesquisador: - Tu sabes quem é que da comida pra ele?

Interlocutor: -A comida, ele fica na frente dessas casas, principalmente lá pelo seu Bébé, pelo seu Davi. Antes eram as irmãs. Suas dormidas, suas moradas, é no canto das casas principalmente na igreja é lá que ele reside à noite.

Em busca de mais informações sobre ele, somente com um terceiro interlocutor veio a afirmar o que Reth era um sujeito normal até se envolver com drogas:

Ele foi criado com o irmão do senhor João*, que era seu padrinho. Eu conheci ele menino, ele é filho do senhor conhecido por Sebastião**. Ele era um menino normal que estudava no colégio Imaculada Conceição. Aí ele começou a se envolver com droga. Aí ele começou a andar em grupos de amigos que usavam. Depois disso, ele começou a ficar esquecido pela família e ficou jogado na rua. Seus padrinhos foram embora e ele ficou. Ai, ele ficou desse jeito ai, mendigo e louco assim. Ele tá assim porque se envolveu com essas coisas, mas, o padrinho dele gostava muito dele. Uma vez mandaram ele pra fazer tratamento e quando ele voltou, veio bem! Mas, aí ele tornou a consumir drogas outra vez e foi quando sua família e a sociedade o abandonaram. (Entrevista com o Sr. Manoel)

Nalguns momentos da pesquisa era comovedor observar Reth sentado nas calçadas das ruas, apoiando o braço num dos joelhos olhando do vazio, em estado físico deplorável, sujo, maltrapilho, abandonado a própria sorte. Ou, vê-lo gargalhando pelas ruas sem motivo aparente, dormindo nas escadas da Igreja Católica local, remexendo caixas de lixo e pedindo comida. Nessas situações, o etnógrafo se dava conta do isolamento social desse indivíduo, provocado por um arraigado preconceito moral que faz com que os indivíduos “sãos” (moralmente ou mentalmente saudáveis) desprezem aqueles que sofrem de degeneração moral ou mental.

Piroco

Damião ou “Piroco” (como é pejorativamente conhecido) é um sujeito facilmente reconhecível aos habitantes de Benjamin Constant. Ele possui cor clara, estatura alta, cabelos claros (castanhos) com uma protuberante careca na parte mais alta da cabeça, além de ser magro e barbado.

*Nome fictício

Nas suas andanças pela cidade, prefere se restringir as proximidades do cartório da cidade que fica localizado na Avenida Castelo Branco. Seu modo peculiar de sociabilidade com os outros indivíduos é conflituoso, principalmente quando eles lhe chamam de “Piroco” ou simplesmente buzina enquanto passam de carro ou moto por ele, xingando-o.

A palavra “Piroco” significa na linguagem nativa, que o indivíduo possui transtorno mental, que a pessoa é “louca (doida) da cabeça”. Esse apelido pejorativo lhe deixa extremamente irritado. Porém, ele não se restringe a ficar na rua ou somente neste município; seu espaço de convivência na rua ultrapassa os limites territoriais de Benjamin Constant, chegando às cidades de Tabatinga e Atalaia do Norte (municípios brasileiros) e, indo até Letícia, na Colômbia.

Assim, há relatos informais de que ele costuma se deslocar para essas cidades. E que, em certa ocasião, andava pelas ruas da cidade de Tabatinga, quando foi reconhecido por um grupo de indivíduos em motocicletas, que buzina e lhe chamaram de “Piroco”, ao que ele protestou e pediu que o deixassem em paz, pois, nem ali ele tinha mais sossego.

Para algumas pessoas entrevistadas informalmente o comportamento ou ações de Damião são um tanto imorais quando comparadas às dos demais moradores de rua da cidade, já que ele **não** seria um indivíduo transtornado mentalmente, mas um sujeito que “se faz de louco”.

Os interlocutores entrevistados explicam que o único momento no qual Damião tem ações incoerentes, arredias e anti-sociais é quando as pessoas lhe chamam de Piroco. Nesses momentos ele fica transtornado e, deliberadamente, as pessoas usam dessa artimanha para lhe deixar enfurecido. De modo que, nessas situações, ele passa a insultar quem quer que seja o transeunte que por ali passe, seja criança, adulto, homem ou mulher, dirigindo-lhe palavrões e gestos obscenos.

Conta-se também que quando Damião aborda as pessoas para lhes pedir dinheiro para comprar algo e se estas, em contrapartida, lhe oferecem trabalho para com isso ele faça jus ao dinheiro, que ele se recusa e desiste da esmola. O que faz com que digam que Damião é “preguiçoso e não louco”. Ou seja, ele pode ser educado e respeitoso, quando lhe convêm.

Um interlocutor nos informa sobre sua condição anterior de vida:

Ele era bom. Ele trabalhava na estrada de Atalaia. Os irmãos dele têm uma propriedade localizada nesta estrada. [que liga Benjamin Constant a Atalaia do Norte] Eles são agricultores até hoje. Daí ele saiu e foi trabalhar na estrada do Assentamento Crajari(5). Ele trabalhou com o senhor Salustiano. Lá ele capinava roça. Ele era como qualquer outra pessoa normal, assim como a gente. Mas, a partir de uma certa época pra cá, da noite pro dia ele começou a andar na rua. Começou a pedir dinheiro de um, de outro. E **parece que ele se acostumou**. E, continuou nessa vida, até chegar ao ponto de ficar mostrando os seus órgãos sexuais pra qualquer pessoa na rua e as pessoas passarem a chamar ele de “Piroco”. Mas o nome dele é Damião! (Entrevista com o Sr. Manoel. Agricultor)

Certa tarde, o etnógrafo avistou Damião em pessoa, quando ele entrava na loja de confecções "Elenir Modas" que fica em frente ao cartório. Ele entrou em busca de comida, devido ao fato da dona da loja a Sra. Maria Elenir, lhe dar comida quando este aparece por lá.

Quando Damião não está do lado de fora do cartório observando as pessoas passarem, este vai para o lado da rua em que fica a loja. Além de observá-lo pedindo comida, esta foi a oportunidade para conversar com ele. Primeiro ele entrou meio encabulado, falava quase gaguejando e pediu um pouco de arroz a dona do estabelecimento.

(5) Local onde foram assentadas pelo INCRA famílias de agricultores.

Damião - Ei dona menina tudo bom. Eu queria falar com a senhora!

Maria Elenir – Fala!

Damião - Eu queria saber se sobrou algum restinho de arroz jogado por ai.

Maria Elenir – Restinho de arroz?!

Damião - É!

Damião - A senhora me consegue?

Maria Elenir – Peraí!

Nesse momento ela se retirou para procurar a comida que ele havia lhe pedido. A filhinha de Maria Elenir, de apenas um ano de idade já o conhece, e esse reconhecimento da pessoa dele por ela é devida a esse passar grande parte do seu tempo que fica na rua, circulando nessa área, entre o cartório, o estabelecimento de sua mãe e a casa de sua avó que fica ao lado deste.

Tanto que a filhinha de Maria Elenir já começou a falar algumas palavras , mas as falando pela metade, com isso ela disse “Mião, Mião...”

E, Damião começou a falar com ela:

Damião - Você sabe que eu lhe respeito né bichinha, trato você bem, eu respeito você!

O etnógrafo aproveitou a situação para iniciar um diálogo com ele, utilizando uma linguagem simples, típica dos moradores da região para que se fizesse entender pelo interlocutor:

Pesquisador - Damião o que tu tá fazendo agora?

Damião - Eu moreno, sai aqui fora pra resolver uns negócio que é pra mim ir lá pra dentro, pro centro (6).

Pesquisador - Qual é o teu trabalho, o que tu faz?

Damião - Eu capino roça(7) lá no centro, trabalho na diária! Agora que eu já não trabalhei mais! Faz muitos anos que eu deixei de trabalhar! Já trabalhei assim na diária, capinando quintal com terçado!

Pesquisador - E por que tu não roça mais?

Damião - Porque eu deixei de ir atrás pra lá, por isso!

Pesquisador - Quantos anos o senhor tem?

Damião - Moreno eu sou novo, eu vou inteirar 47 (quarenta e sete) anos! Eu sou rapaz jovem. Né que eu ainda sou novo?

Pesquisador – É, você tá novo!

Damião – Né, que eu não tenho idade de se aposentar ainda não.

Pesquisador - Tem não, mas tu quer se aposentar?

Damião - Moreno, não, não me aposento não moreno!

Pesquisador - Por quê?

(6) O centro que ele se refere aqui, não é centro da cidade como muitos conhecem, principalmente os que moram em cidade grande; este termo nativo utilizado aqui é referente aos sítios que se localizam nas estradas e ficam distante da cidade muitos quilômetros.

(7) Lavoura, plantio de mandioca, ou de qualquer outro tipo de lavoura, plantação trabalhada na agricultura.

Damião - Se fosse por mim moreno eu queria! Mas eles não aposentam é "com nojo"(8)! Aqui no fuvural(9) deu fora [não deu certo].

Pesquisador - Tu já tentou?

Damião - Já, tu conhece a Dra. Rebeca? Ai atestou, passou tudinho na televisão, no filme, não rogô nada!

Damião – Ela não atestou que eu era louco da cabeça não! Eu sou normal, por isso ai deu fora!

Pesquisador - Mas tu é normal?

Damião - Sou, sou! Só que esse pessoal mexe comigo!

Pesquisador – Por que eles mexem contigo?

Damião - É enxerimento deles, pra fazer eu se enfezar (10)! Depois que eu fazer outro crime, quebrar a cabeça de um, outra vez como eu já fiz de muitos ai no colégio! Como eu já cometi como 12 (doze) crimes, já tá com mais de vinte anos. Eu era rapaz novinho naquele tempo. Doze crime eu tirei moreno, esse bandido aqui, eu era rapaz novinho naquele tempo, faz muito tempo, viiiche!

Pesquisador - Tu estudou?

Damião - Estudei não, moreno. Eu estudei no Duque de Caxias em Tabatinga, mas eu sai do colégio. No tempo que eu era menino, assim [ele faz a altura que tinha naquele tempo], pequeno.

(8) Termo nativo que pode representar o mesmo que a pessoa dizer que não quer ver a outra nem pintada e tem sentido de negativo; poderia até ser substituída pela palavra, não.

(9) Denominação dada pelos mais velhos ao INSS/Previdência Social, antes de ser denominado com estes termos atuais.

(10) Ficar furioso.

Pesquisador – Por que tu saiu?

Damião - Porque os meninos ficavam bagunçando (11) comigo, aí eu sai!

Pesquisador - E aí tu não foi mais?

Damião - Fui mais não, aí eu fiquei burro depois de velho!

Intrigado com a questão colocada por ele de ter ido a Previdência Social e não ter conseguido auxílio sobre aposentadoria mediante a questão de não ter sido atestado que ele não era “louco da cabeça”, o pesquisador buscou mais informações com a médica citada por ele, a Dra. Rebeca*:

O pessoal da prefeitura o trouxe aqui. Eles o trouxeram com um laudo médico dizendo que este era usuário de droga. E, ele não trouxe um laudo dizendo, atestando que ele era louco. Este laudo dizia que ele tinha capacidade para trabalhar. Trouxeram ele duas vezes, as duas vezes que ele veio, foi trazendo o laudo médico que atestava que ele era usuário de droga. Aí o problema dele dentro das siglas que identifica a doença esta para o SID.10. Nesse caso o SID ligado a usuário de droga é indeferido pelo próprio sistema! (Entrevista com a Dra. Rebeca)

Depois de alguns dias, segundo informações da atendente que trabalhava na loja de Maria Elenir, Damião tinha um segundo interesse especial por isso ficava circulando por ali: esse interesse seria a pessoa dela.

*Nome fictício

(11) Caçoando da pessoa do outro.

Todo dia pelas 12:30 (doze e trinta) horas ele vem pra cá. Ele vem fala comigo. Me chama de morena. Eu pergunto por que ele vive assim na rua pedindo comida? Ele diz que é porque ele não quer trabalhar. Daí eu pergunto por que ele não vai trabalhar? Aí, ele responde que onde ele trabalha é muito longe, na roça, no centro aonde ele vive agora é muito longe. Pra ele é melhor andar pedindo comida assim na rua.

E ele fala que é apaixonado por mim. E que faz quarenta anos que ele nunca ficou com uma mulher na vida dele. Que era pra mim ficar com ele, que ele não queria de graça não, ele ia me pagar, que ele tinha dinheiro na bolsa dele. Que ele saiu da escola, que ele não estudou!

Eu perguntei pra ele porque ele ficava chamando palavrão assim no meio da rua e ele disse que as pessoas são muito mal educadas, não respeitam ninguém. Ficam mexendo com ele, o chamando de “Piroco”, e ele não é “Piroco”. Que o nome dele é Damião. (Entrevista com Amanda, nome fictício da atendente)

Em outro momento conversando com Maria Elenir sobre o “Piroco” ela disse que:

Vejo o Damião todos os dias de manhã. Eu não sei se posso associá-lo como louco porque tem momentos que o comportamento dele é normal, principalmente quando ele tá querendo alguma coisa, tipo quando ele tá com fome, ele chega lá em casa, ele sabe o nome das pessoas, inclusive a menina que trabalha comigo a Amanda.

Certo dia, ele perguntou como era o nome dela. E, eu disse que era Amanda. Aí, ele falou: - Amanda, to com fome, me dá um pouquinho de comida, por favor, tô com tanta fome hoje ainda não comi nada. Aí, certo dia ele foi e chamou pelo nome dela e a gente falou que não era Amanda, mas Sônia.

Quando ele foi no outro dia, ele falou: - Sônia tô com fome.

As meninas que trabalham comigo riram, porque ele ainda lembrava-se do nome Sônia.

Então, eu vejo assim, que o Damião, ele pode ter alguma coisa assim na memória dele, *assim fraca*, alguma falta de vitamina, não sei como que deve se dar na mente. Mas *eu não vejo o Damião como louco*; a não ser que a pessoa passe na rua e irrite tanto ele, chamando-o de “Piroco”, contrariando ele de muitas coisas, ai sim. As atitudes dele são tristes, porque ele tira o penis para fora das calças, começa a mostrar para as crianças e mulheres e qualquer outra pessoa que vá passando na hora, chama muitos palavrões. Mas se você observar o Damião, ele fica na rua até depois do almoço. Depois, ele vai embora pra casa dele e você não vê mais ele na rua.

Ele também vai pra Tabatinga; ele vai e volta; e, inclusive, conversa com a gente numa tranqüilidade. Se tú for fazer uma entrevista com ele, ele vai dizer o nome dele completo, ele vai dizer quem é a mãe dele. Então, o Damião, eu acho que só falta ajuda mesmo pra ele. Inclusive ele pediu umas roupas de mim, ai eu falei que ia ver umas bermudas, só que ele tava muito magro e a roupa do meu marido não dava nele.

Mas eu não vejo o Damião como louco. Inclusive agora tem a irmã dele que começou a sair na rua, canta, dança na rua, tendo vários comportamentos pior que o Damião.

Por que o Damião se tu não mexer com ele, ele não mexe contigo; ele é tranqüilo comprado a outros loucos que eu vejo. (Entrevista com Maria Elenir, comerciante local)

Com outra interlocutora, uma empresária local, obtive o relato de uma situação de conflito entre ela e Damião:

Uma vez eu ia passando. Ele estava em frente à drogaria saúde. Só tava eu passando naquele momento, eu estava andando na moto. Aí ele, começou a dizer; sua puta, sua safada...

Se sentindo constrangida com aqueles xingamentos, ela parou a moto e pediu que Damião repetisse tudo aqui havia dito anteriormente:

Interlocutora– Ele me “esculhambou” (12)! E, aquilo me subiu!

Em termos locais, dizer que “aquilo me subiu”, significar dizer que aqueles xingamentos deixaram-na bastante irritada, ofendida e furiosa com aquela situação. Sua revolta a fez partir para atacar fisicamente Damião:

Aí eu fui pra cima dele, aí eu fui. Repeti, “seu safado, sem vergonha, seu vagabundo!”

Aí ele ficou se fazendo de desentendido. Aí ele entrou pra dentro da drogaria, né. E, dono da loja disse a ele ir embora e que ele parasse de ficar mexendo com o pessoal.

Aí eu disse: - Repete seu safado, sem vergonha, se tu for homem! Seu vagabundo safado!

Ele não repetiu não!

Aí eu continuei: – Se tu mexer comigo outra vez eu joga a moto em cima de ti! (Entrevista com Lani, empresaria)

(12) O esculhambou, significa aqui nesse caso, que ela foi agredida verbalmente com palavrões que ridicularizaram-na, deixando-a enfurecida, etc.

Ouvindo ela me contar essa situação de conflito, foi perguntado se ela havia feito alguma coisa contra a pessoa dele.

Nada eu ia passando. Aí ele começou me esculhambar, me xingar. Me chamando dos piores nomes, já penso?! Agora eu passo, tu pensa que ele mexe, ele me reconhece, ele não mexe mais não. Uma outra vez, quando eu estava na biblioteca, eu saí para ir no banheiro, ele estava do lado de fora, me viu e baixou a cabeça. **Ele não é doido não, aquilo é enxerimento dele.** É por que ele ainda não arranjou um que acerte ele de cheio (13)!

Uma outra vez, eu ia passando e ele estava ali na frente do Cartório, e ele “esculhambou” um rapaz. Aí, o rapaz pegou ele, encostou na parede e ia dá um soco nele, só não deu por que o outro homem segurou! Nesse momento o outro homem falou

– Você é besta seu cabra sem vergonha, você fica mexendo com as pessoas que não estão nem mexendo com você, seu safado!

Rapidinho quando você vai pra cima dele, ele se recolhe; rapidinho ele dá uma de desentendido! (Entrevista com Lani, empresaria, realizada no dia 20 de setembro de 2009)

Ao contar estes fatos, ela faz também alusão a outro individuo que também faz parte desta pesquisa:

(13) Isso quer dizer que ainda não teve uma pessoa para reprimi-lo utilizando-se de força física.

O Reth quando eu estou lanchando lá na praça(14), ele fica por ali. Eu tenho o maior prazer de comprar um sanduíche e dar pra ele, porque ele não mexe com ninguém não. Eu nunca vi aquele homem mexer com ninguém. Quando ele quer alguma coisa, ele pede, se ele tiver com fome ele pede! Às vezes, ele fica lá, olhando assim. **Mas esse “Piroco”, esse ai é um safado**, eu não gosto desse homem. (Entrevista com Lani, empresária, realizada no dia 20 de setembro de 2010).

Outras histórias, especialmente as que terminaram em agressão, dão conta que, em certos momentos de socialização, quando Damião extrapola o níveis de tolerância social, é convidado a passar alguns dias na delegacia para “baixar seu ânimo” exaltado. Segundo informações de alguns policiais, não raras vezes Damião passa alguns dias “visitando” a delegacia.

Doutor Saúde

O Doutor Saúde pode ser caracterizado fisicamente como indivíduo de estatura alta, de cor parda, magro e cabelos pretos. O mesmo gosta de se identificar como coronel das forças Armadas, anda caracterizado, às vezes, com roupas camufladas do exército e exibe um crachá que o identifica pela patente de “coronel da cavalaria aérea”, estes crachás são obtidos mediante brincadeiras de pessoas que costumam se aproveitar de sua condição social para brincar com a sua pessoa, sendo estes sem validade alguma, a não ser para o mesmo. Doutor Saúde não circula apenas no espaço físico geográfico da cidade de Benjamin Constant, mas frequentemente é visto se deslocando para municípios vizinhos como Atalaia do Norte e Tabatinga.

Ele frequenta também as universidades locais não como estudante, mas identificando-se como reitor dessas instituições. E, procura desenvolver o diálogo com os estudantes sobre a questão das doenças sexualmente transmissíveis, principalmente no que diz respeito a AIDS/HIV.

(14) Esta praça fica próxima a igreja aonde o Reth geralmente dorme.

Para buscar informações sobre o Doutor Saúde, o etnógrafo conversar com os familiares do mesmo, dentre eles o seu pai, aqui ele nomeado de Sr. João, para que não seja revelada sua verdadeira identidade, ou causar-lhe algum tipo de constrangimento. Este nos relatou alguns fatos sobre seu filho, e inclusive o motivo de como ele veio a começar a agir desta maneira. Segundo o Sr. João:

Ele era meio ignorante, mas era bom rapaz, ele chegou a caçar, matou muita caça. Fazia tudo direitinho, depois que casou ele era músico e tocava bem né, e saía pra Manaus pra todo canto tocar. Mas, aí no dia que a mulher deixou ele, ele amanheceu assim meio coisado, aí eu fiquei espiando assim pra ele, aí eu falei Maria [mãe], o menino tá ficando... Aí com um pouco mais ele ficou doido, ficou doido, doido. Aí eu disse, rapaz vai lá pro Joel passar uns dia pra lá. Aí ele foi né.

Indo pra lá a moto furou o pneu, lá no terreno do Manoel Anjo, aí ele entrou na mata, passou três dia com três noites, e eu pensava que ele tava em Atalaia né. Quando foi um dia, umas cinco horas lá vem ele, com a camisa pólo, essas que são forte, toda rasgada. Aí eu perguntei, o que tú tava fazendo?

Olho fundo, aí ele disse: - Eu tava na mata pai!

Aí quando ele chegou em casa foi doido assim. Pregando prego de quatro polegada naquelas janelas. Aí ele pregando e eu doidinho (15), né. Disse pra ele:

- Rapaz arranca esses pregos, tu vai acaba com a casa, não precisa pregar não!

E, e ele respondia: - Não vai entrar matador aqui!

Minha nossa senhora, agora sim Maria, nos estamos fregado(16)!

(15) Significa que ele ficou intranquilo com aquela situação por não saber o que fazer.

(16) Significa dizer o mesmo que estamos de mãos atadas, ou estamos

Ai pronto, colega ele ficou assim, um pouco mais passou pra juiz, pra delegado, passou pra doutor saúde! (Entrevista com o Sr. João, pai do Doutor Saúde)

Outra interlocutora presente a essa entrevista, Maria Elenir, colega do curso de antropologia, pediu que o senhor João falasse sobre um “certo livro” que Doutor Saúde estaria lendo e, que poderia ter contribuído também para o desencadeamento desse processo de comportamento atual, conforme relatos locais.

Ah sim, lá em Atalaia, disseram que uma mulher deu uma oração dessa cabra preta pra ele. O pessoal é que conta, ele não diz não, eu perguntei dele. Agora de acender vela em dez cemitérios ele me disse, ele ainda fez até eu comprar [as velas]. Ai eu comprei vela três dias seguido né, três maço de vela, compramos em seguida. Ai eu perguntei pra quê essa vela?
– Não é que tenho promessa com as almas [ele disse].
Ai eu disse, isso ai tá errado, não vou comprar mais não!
Ai ele ficou, assim, não sei se é **tentação do bicho-velho** (17) que ele tem, ou é algum espírito mal. (Entrevista com o Sr. João, pai do Doutor Saúde)

Nesse momento, o etnógrafo comentou que Doutor Saúde não andava sujo e maltrapilho como Reth e Piroco, ao que o senhor João completou meu raciocínio dizendo:

- Ele anda bem limpinho, tem um negócio assim, que parece que cuida dele; mas é assim diferente de nós.

Perguntou-se, ainda ao Sr. João, se Doutor Saúde já havia brigado ou chegado a atacar alguém da família ou mesmo da rua por onde ele andava:

(17) Significa na linguagem dele demônio ou espírito maligno.

Rapaz com o Sida (irmão dele) aqui ele já brigou. Puxou terçado pra cortar os meninos. [Isso acontece] quando a gente pega [começa] a brigar com ele, ai ele fica bravo. Ai ele fica bravo, e sai dizendo

– Eu vou matar esse, eu vou matar aquele, vou matar não sei quem!

Ai depois, ele diz: - Não, não vou fazer nada, não.
(Entrevista com o Sr. João, pai do Doutor Saúde)

Outro fator importante a ser considerado é que nalguns momentos, Doutor Saúde tem comportamento “normal”, quando comparado ao de indivíduos saudáveis, no que o Sr. João concorda e diz:

-Tem dia que ele tá bem, tem dia que tá mal... A Maria [esposa do senhor João], já prestou atenção, isso é mais é força de lua nova(18) que tem isso.

O Sr. João continuou a relatar os seus feitos quando ele esta “fora de si” (sem o domínio de suas faculdades mentais) e age como se fosse uma autoridade, e nos diz que ele havia ido até a sede da Polícia Federal, em Tabatinga, pedir munição:

Ele foi lá na [Polícia] Federal, essa foi a primeira vez que ele foi preso lá, pedir um cunhete(19) de bala pra fazer a segurança. Ai o delegado da Federal pegou [prende] ele. Mas ele falou ao delegado que tinha um cunhado que era cabo. Ai chamaram ele [o cunhado], então, ele disse ao delegado que o mesmo tinha doença mental. E fizeram ele assinar um termo de convivência. Mas ele tem uma raiva do Claudio [o cunhado], jura de matar as meninas lá [estas moram em Tabatinga].

(18) Segundo a crença dos mais velhos da cidade, eles acreditam que a lua poder exercer certa influencia sobre a personalidade e as vezes ate controlar o comportamento das pessoas

(19) caixa de munição para armas de fogo (revolver, pistola, fuzil, etc).

Agora da última vez, ele foi de novo com aquelas boina do exército lá, abrir uma conta no Banco, assim o pessoal conta. Ai ligaram para o coronel dizendo que tinha um oficial querendo abrir uma conta à força. Ai o coronel mandou a patrulha e pegaram ele, deixaram ele nuzinho, prenderam ele e soltaram porque lá já conhecem ele! Ai mandaram uma roupa pra ele, e ele veio embora. (Entrevista com o Sr. João, pai do Doutor Saúde)

O Sr. João continua, e diz que estava conversando com um senhor que está comandando os trabalhos da construtora responsável por construir o novo prédio da UFAM em Benjamin Constant e o mesmo lhe havia dito que daquela doença a pessoa não fica boa.

Perguntamos ainda ao Sr. João se ele já havia sido medicado alguma vez e se ele não tomava algum remédio.

Ele não toma nenhum remédio . Logo quando ele ficou doido ele foi lá com a irmã dele . Ai a irmã dele levou ele no médico, ai o doutor fez os exames nele e tudo. Ai ele perguntou ao medico: - O senhor é tenente?(20)

Ai ele disse eu também sou!

Ai o tenente disse: – Eu vou chamar mais outro tenente!

O outro tenente disse que ele ia pra Manaus e que ia fazer o laudo dele.

Ai fizeram o laudo dele . Mas a irmã dele disse , ele é filho lá de Benjamin, ai pronto!

(20) Possivelmente o nosso ilustre personagem foi atendido por um médico-oficial do Hospital de Guarnição de Tabatinga, uma instituição hospitalar militar que também atende a população civil da região.

[O hospital somente garante esse tipo de traslado aos moradores de Tabatinga.]

Ai ele veio pra cá, mas nós pelejemos(21) rapaz, ai ficou na prefeitura. Ai ninguém foi. Se ela tivesse ficado calada, ai nos tinha ido por lá mesmo. E já faz anos, já. (Entrevista com o Sr. João, pai do Doutor Saúde)

Buscamos ainda a opinião do Sr. João sobre qual seria o motivo para o Doutor Saúde se encontrar naquele estado mental e perguntamos se ele teria alguma deficiência mental:

- Se ele tiver, mas é muito pouco; pra mim aquilo que ele faz, é espírito(22)! – responde ele.

O Sr. João não acredita que o problema de seu filho seja algo biológico, mas sim que há algo externo que produz aquele tipo de comportamento e a cura deste problema pode estar fora do ambiente científico.

Além do seu pai, conversamos também com alguns dos irmãos do Doutor Saúde. Um deles foi enfático ao afirmar que:

O problema dele é cabeça! Tem um monte de encosto mal que não sai dele, assim na cabeça dele ali. Aquele encosto mal tá todo tempo governando ele! Às vezes quando ele tá mais calmo, é quando ele tá assim conversando contigo né. Com um pedaço ele já tá com aquele encosto mal assim. E no tempo que ele foi preso.

A polícia Rocan que tava aqui naquela época bateu na cabeça dele porque ele tava brigando lá na cela, ai chamaram o pessoal da Rocan. O papai que me contou isso, que ele ficou preso dois meses!

(21) procuraram de varias formas resolver o problema.

(22) o problema de seu filho é atribuído a uma entidade que pode estar atuando nele e comandando suas vontades

Ai depois que ele saiu que ele ficou assim. Mas, também depois ele fez umas pauta(23) ai. Uma vez ele correu pro mato e passou uma semana na mata. Ai ele saiu, acendeu vela pagando promessa segundo ele. Ele fez um negócio mal mesmo! Pra ter dinheiro, um monte de coisa. Ai ele tava viajando com o pessoal dos Cabral(24), ai ele acendeu vela até no cemitério de Manaus.

A partir dai ele começou a ficar assim. Antes ele era calmo, tocava teclado. Ele era músico, ele tinha a aparelhagem dele. Ai vendeu tudo, ficou sem nada. Ele só tem agora um som desse ai [ele faz referência a um micro system, que tem em seu salão].

Ele tem dois filhos. Os filhos dele quem cria é a ex-mulher dele. O problema dele é de encosto. Sabe por que é vários tipos de encosto que tá assim com ele, que quer ele só mesmo pra fazer o mau pros outros assim.

E pra destruir a vida dele, **acho que é o demônio** que quer a vida dele assim! Até chegar num ponto de ele fazer uma besteira assim! (Entrevista com o Sr. Francisco, irmão do Doutor Saúde)

Noutra ocasião voltamos a falar com o Sr. João e o fator recorrente na conversa é a dele acreditar que o seu filho esta sendo atormentado por espíritos malignos, porque o mesmo teria acendido vela em cemitérios de Manaus e em outros lugares também;

(23) pacto com o demônio.

(24) Família de comerciantes que possui barco de transporte fazendo o trecho de Benjamin/Manaus e Manaus/Benjamin.

Sr. João - Tu conhece o Chico Peruano?

Pesquisador: - Aquele que mora lá perto da câmara!

Sr. João - Sim!

Pesquisador: - Conheço.

João - Ele disse que isso ai não é nada de doido. Que o que tá dominando ele é os espíritos. Ele acendeu vela em dez cemitérios pra cá, de Manaus pra cá. Por isso que nos diz que é tentação dos espíritos!

Pesquisador: - Então, foi isso que fez ele passar a agir desta forma, como louco?

João - Eu tô quase acreditando que isso, porque doido não é assim. Doido anda sujo, que nem o Reth, e aquela doida (outra menina que apresenta característica de transtorno mental). Ele não, ele anda que nem nós mesmo rapaz. A diferença que tem é que **ele conversa besteira, é desses espíritos ricos.**

Um fato interessante da pesquisa é que foi realizada uma entrevista conjunta com o Sr. João e com o Doutor Saúde, na qual percebeu-se novamente a questão do endemoniamento como central à categorização que o primeiro faz da situação social do filho:

Pesquisador: - Quer dizer que o menino [Doutor Saúde] trata peixe, lava roupa...

Sr. João: - Trata peixe, lava roupa, toma banho, faz tudo; ele só não sabe fazer bem comida porque ele não tem costume, né!

Sr. João - Mas sabe fritar. Faz tudo isso, lava roupa que é uma beleza. Parece que ele ta bonzinho(24) rapaz.

Pesquisador – E ele não acha que ele tem algum problema?

(24) Sem apresentar sintomas de transtorno mental.

S.r João - Não, outro dia eu disse pra ele, Nei tu ta doente!

Doutor Saúde: - Doente de que rapaz?! Eu tô bonzinho! O que tá faltando pra mim é vagina [sexo]! Não, o senhor tá me acusando que tô doente, eu tô bonzin, bonzin papai! Se eu fosse doido eu tava assim, lavando roupa, tomando banho; eu to bonzin

S.r João - Tá! Ai ele fica lendo aqueles papéis, mas lê, passa é hora lendo!

Pesquisador - Ele estudou?

S.r João - Estudou até a quarta serie! Mas, sabe mais do que quem tá terminando. *Eu acho que o espírito maligno* é que tá nele, eu acho que seja rapaz, é porque a gente não conhece. Me disseram que ali em frente Islândia tem um homem que cura, tem um senhor que conhece se ele ta com espírito maligno ou não. Eu chamei ele, vamos pra igreja! Ele me disse, o que eu vou fazer em igreja papai, eu tenho poder mais do que Deus! E esculhamba com um e com outro, eu vou matar, não, eu vou mandar matar! Ai depois, não deixa ele, não vou fazer nada não. Eu digo, Nei tu tá pagando o que tu fez com a Raimunda. Ela não te botou chifre não! Porque quando ele tocava nos barcos que iam daqui pra Manaus, ele dizia pros menino que ficava com mulheres bonitas, cheirosas, etc. Sua mulher aqui te esperando, ela dormiu até algumas vezes lá em casa. Outras vezes na comadre Nélia, ela dormia lá, não dormia nem na casa deles sozinha. Ai *ele ficou calculando que a Raimunda tinha botado chifre nele*. Ai *ficou com essa idéia na cabeça* por isso que ele ficou assim!

Devido a proximidade do fim do período de realização do trabalho de campo e o início da escrita do próprio trabalho de conclusão de curso, não pudemos alongar as pesquisas com Doutor Saúde e investigar as relações dele com a ex-esposa. Em todo caso, está nítido no discurso do Sr. João que o seu filho estaria sob a influência de uma entidade demoníaca, a qual se aproveitou de falhas morais do indivíduo para dominá-lo

e, que somente a intercessão dessas forcas sobrenaturais seria capaz de curá-lo da loucura.

Loucos, Desviantes e Outsiders

Uma das dificuldades em primeira instância encontrada para realizar a pesquisa de campo foi como abordar as pessoas sobre o assunto do meu trabalho de monografia para conclusão de curso. Primeiro eu não poderíamos ir direto dizendo que o trabalho era sobre os “loucos” ou pessoas com transtorno mental, porque eu mesmo estaria sendo preconceituoso, estaria induzindo as pessoas a dizerem que aquelas outras pessoas ou indivíduos que se apresentavam dentro da sociedade como “mendigos”, “sem teto”, divergentes socialmente, ou com problema de desvio de comportamento, etc; eram transtornadas mentalmente, mesmo que o seu comportamento social presumisse a isso, eu não poderia estar aplicando esse conceito a todos eles.

Segundo, eu não sabemos se elas são realmente possuidoras de transtorno mental ou se apenas se desviaram daquele modelo de comportamento social adequado, no qual não pode haver, ou não é aceito esse tipo de comportamento que eles apresentam pelos outros indivíduos.

A situação vivida por Damião/Piroco confirma essa hipótese na medida em que para alguns moradores de Benjamin Constant ele não é louco, mas sim, considerado “safado” e “vagabundo”. Por isso estava  procura das impressões que esses comportamentos causavam nas outras pessoas para poder ter uma classificação social, que coubesse a mim, aplicar dentro da minha pesquisa.

Segundo a definição de transtorno mental da organização Mundial da Saúde (OMS, 2010), entende-se como Transtornos Mentais e Comportamentais, as condições caracterizadas por alterações do modo de pensar e/ou do humor (emoções), e/ou por alterações do comportamento associadas à angústia expressiva e/ou deteriorao do funcionamento psíquico global. Embora essa classificação seja importante a esse trabalho, classificaremos esses atores de acordo com que a sociedade benjaminense pensa deles.

Dentro das classificações criadas pela sociedade benjaminense para se referir a situação dos seus moradores de rua, além da questão do transtorno mental (o louco), há também a questão envolvendo concepções, que criam a noção de “pessoa fraca da cabeça”, de que aquele estado é fruto de uma própria propensão pessoal do indivíduo a viver naquela situação de penúria e isolamento. Ou seja, o indivíduo teria procurado

(consciente ou inconscientemente) a sua própria desgraça, como é o caso dos usuários de drogas e endemoniados.

Essas classificações, contém em comum a idéia de estigma com relação a esses atores. A partir de Goffman (1988), percebemos que a sociedade moderna tende a construir determinados atores sociais que possuem atributos valorados como inferiores em relação aos valores mais nobres e sagrados dessa sociedade, como párias, marginais, abandonados, etc.

Em Benjamin Constant, os moradores de rua, na maioria dos casos analisados, vivem em situação de mendicância e abandono, usam roupas maltrapilhas, possuem práticas de higiene pessoal tidas como “sujas” e, principalmente, tem o contato social evitado por possuírem atributos comportamentais não condizentes com os da vida de uma pessoa “normal”. Isto é, esses indivíduos apresentam uma conduta social imprópria e, por isso, são estigmatizados.

Goffman, (1988) diz que um estigma é “um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo; o termo estigma, portanto, pode ser usada em referencia a um atributo profundamente depreciativo”.

O referido autor menciona ainda três tipos de estigma nitidamente diferentes. Em primeiro lugar, há as abominações do corpo – as várias deformidade física. Em segundo, as culpas de caráter individual, percebida como vontade, paixões tirânicas ou naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativa de suicídio e comportamento político radical. Finalmente, há os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família.

Aqui iremos nos deter aos estigmas de caráter ligados as culpas individuais, pois esses indivíduos dos quais estou tratando aqui são de certa forma os principais responsáveis pela situação na qual se encontram nos dias atuais, devido a certas práticas e atos produziram sua própria desgraça, sejam elas por uso de drogas ilícitas, por desvios morais ou pactos demoníacos.

Conforme Goffman (1978), tentar classificar alguém com um sinônimo que o caracterize é no mínimo uma tentativa de melhorar a minha condição, dizer que sou pobre ou rico em relação a outra pessoa, estarei exaltando a minha pessoa ou menosprezando-a; quando alguém chama uma pessoa de “Piroco” é para dizer que aquele individuo tem um problema de cabeça, eventualmente estou afirmando que a

minha sanidade mental é melhor do que a daquela pessoa; então é essa a condição essencial do estigma trabalhado por Goffman (1978) dentro da sociedade, a questão da desgraça moral do indivíduo.

Durante a sua vivência dentro do meio social alguma coisa provocou naquele indivíduo esse tipo de comportamento apresentado, de alguma forma foi produzido. Não é algo que venha desde sua infância (biológico), mas teve seu desencadeamento em sua idade adulta ou adolescência.

Segundo Dumont (1982), a noção de loucura é uma construção social que para além de um discurso médico, é uma categoria “nativa” que classifica os indivíduos a partir de uma ordem hierárquica de atributos valorativos.

Já para Pedroso (2008), a loucura é uma condição social de afastamento social daqueles que atribuem a outrem essa condição sob o argumento de que determinados indivíduos não se adaptam à ordem social “normal”. O louco apresentaria “alterações” do pensamento, da linguagem, da motricidade, da emotividade, etc., sendo que esse conjunto de comportamentos são classificados pela medicina como distúrbio ou doença. (Ibidem).

Para Jacobina (2008), o louco é alguém que perde sua voz, sua identidade, sua cidadania, por ser incapaz de compreender plenamente uma realidade que está codificada pelo outro, com os mesmos olhos dos cidadãos ditos e tidos por “normais”.

A partir disso, percebemos que a separação do indivíduo divergente do meio no qual ele vive, mais ligado ao âmbito funcional, no qual ele deixa de cumprir com seus deveres e perde também seus direitos. No entanto, os mesmos podem e interagem de várias formas com os outros membros da sociedade, seja no sentido de perturbar a ordem moral social, quando chega a dispersar palavrões de baixo galão, seja no sentido de sair dando gargalhadas ao vento sem motivo aparente para os outros que estão ao seu redor, ou falar como se estivesse dialogando com outra pessoa que neste momento é visível apenas aos olhos daquele e trava até uma briga como se fosse um casal discutindo os assuntos de seu dia a dia nos mais normais dos casos; ou que discursa sobre um tema sem ter nenhum conhecimento técnico, como no caso do Doutor Saúde.

De acordo com Becker (2008) as condutas desviantes, como é o caso da loucura, são “criadas” pela sociedade, no sentido de que “grupos sociais criam desvio ao fazer as regras cuja infração constitui desvio, e ao aplicar essas regras a pessoas particulares e rotulá-las como outsiders.” (BECKER, 2008: pp.21-22) Assim, se não houver uma

“conduta ideal”, determinado indivíduo não poderá apresentar desvio ou violação das normas e regras.

Todos os indivíduos aqui estudados violaram alguma regra social importante (ou se alguns preferirem “sagrada”) e saíram de comportamentos idealmente aceitáveis para ações sociais reprováveis, como o uso de drogas ilícitas, a preguiça para o trabalho e os até pactos demoníacos. Por isso, esses indivíduos são estigmatizados pela sociedade “normal”, sendo colocados a própria margem identitária dela, já que a maior parte dos indivíduos “normais” tem repugnância pela situação de vida desses moradores de rua.

Esses fatos convergem para colocar esses indivíduos numa situação de exclusão social, já que eles vivem em desacordo com a moral social ideal e acabam violando as regras de boa convivência e, por isso, devem ser idealmente expurgados do meio social ou, pelo menos mantida a uma distância segura dos “normais”.

Muitas vezes observando-os quando entram em certos lugares comerciais, percebemos que esses moradores de rua não eram bem recebidos e, quando pediam alguma coisa de sua escolha, lhes era dado uma de menor valor e pedido para que se retirassem imediatamente do local, já que o repúdio era evidente.

A exclusão se dá como se existissem dois mundos: - o daqueles indivíduos desviantes e o mundo dos não-desviantes.

A complexidade de uma distância existente, a partir de um julgamento de valor que rotula aqueles indivíduos como anormais, distante mesmo, apenas socialmente em termos das relações sociais de menor contato físico, verbal e internacional. Ademais, esses “outsiders” (Becker, 2008) sofrem por parte dos órgãos estatais a ausência de políticas públicas que venham a beneficiá-los com apoio social para melhorar sua condição de vida, conforme fica nítido nos casos de Reth e do Doutor Saúde.

Considerações Finais

Como primeira conclusão, podemos dizer que esses indivíduos (os moradores de rua) oferecem, simbolicamente, risco a integridade moral da sociedade “normal”. Isso porque o seu comportamento não pode ser facilmente controlável, já que a qualquer momento acredita-se que eles possam atacar moralmente (e até fisicamente), outros indivíduos que nada fizeram para merecer esses ataques súbitos.

Como eles não são bem vistos pela sociedade, se aproximar muito do seu modo de vida significa metaforicamente correr o risco de ser contaminado pela sua impureza

identitária. Por isso, no dizer popular, “passarinho que dorme na casa de morcego aprende a dormir de cabeça pra baixo” e, indivíduos que compartilham de uma vida mais íntima com esses sujeitos desviantes correm o risco de serem categorizados como outsiders.

Há também a questão do estigma que estes indivíduos sofrem, o qual faz com que eles recebam apelidos depreciativos como é o caso de “Piroco”; ou que eles sejam acusados de serem “drogados”, “preguiçosos” ou “endemoniados”. Daí, deduzimos que eles são outsiders exatamente porque perturbam a ordem social “normal” e que a sociedade, do mesmo modo, os “perturba”, estigmatizando-os.

Ademais, as histórias de vida desses indivíduos mostram indícios de que eles se tornaram desviantes na medida em que não souberam lidar com eventos conflituosos cotidianos, como a traição feminina ou a busca do sucesso financeiro (no caso do Doutor Saúde) ou de outras pressões da vida social (não pontualmente identificadas, no caso de Reth e Piroco). Eventos que são interpretados pelas pessoas que convivem cotidianamente com eles (familiares, amigos e afins), como sintoma de que esses indivíduos são pessoas “fracas da cabeça” ou “da memória”. Sendo o uso de entorpecentes, a busca de pactos demoníacos ou a preguiça moral para o trabalho, sintomas de indivíduos moralmente “fracos”.

A atribuição à eles da loucura é, portanto, nos termos definidos por Becker (2008), uma construção social associada ao modo como os “grupos sociais criam o desvio” e aplicam às pessoas certos rótulos (ou categorias sociais) de comportamento. Nesse sentido, a atribuição da loucura é moral, no sentido de que o correto e o incorreto, o normal e o anormal, são categorias construídas na e pelas interações sociais entre os indivíduos.

Assim, quando alguns dos nossos entrevistados dizem que Piroco é “louco” e outros dizem que ele “se faz de louco”; ou que o Doutor Saúde tem alguns momentos de lucidez, tais dados estão a nos mostrar que a própria atribuição (ou não atribuição da loucura) varia de acordo com a situação vivida pelos indivíduos em interação uns com os outros e, que essa categoria “nativa” deve ser relativizada.

Por fim, são necessários mais estudos etnográficos que percebam quem são esses atores sociais desviantes à sociedade benjaminense e como eles interagem com os demais segmentos da sociedade. E, que os agentes estatais de controle da ordem (profissionais da saúde e do sistema de justiça criminal), atentem para as nuances das

trajetórias de vida desses indivíduos e da própria relativização da categoria de loucura na nossa sociedade.

Referências

BECKER, Howard Saul. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. 1 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2008

BRONISLAW, Malinowski. **Argonautas do pacífico ocidental: um relato de empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova guiné Melanésia**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

CHAVES, Lilian Leite. “**Esse negocio de loucura, cê sabe né, fia**”: integração e diferenciação pelas ruas de Ouro Preto. Dep. Antropologia da UnB. 2009

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa e ciências humanas e sociais**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

DAMATTA, Roberto. “O Ofício do Etnólogo, ou como Ter Anthropological Blues”. In. NUNES, Edson de Oliveira (org.). **A Aventura Sociológica**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**; 6ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 25ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2008

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC. 1988.

OMS. **Transtorno Mental**. Disponível em: [HTTP://portalveneza.com.br/psicologia](http://portalveneza.com.br/psicologia). Acessado em 26 de novembro de 2009.

IBGE. **Censo 2010**. Brasília: IBGE, 2001. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>> Acessado em 26 de novembro de 2009.

JACOBINA, Paulo Vasconcelos. **Direito penal da loucura e reforma psiquiátrica**. Brasília: ESMPU, 2008.

MARTINS, Cristian F. **Libertação nas Américas: Um estudo comparado da “cultura bíblica” através da literatura pentecostal**. Tese de doutorado apresentada ao Centro de Estudos Comparados sobre as Américas(CEPPAC-UnB). Brasília: CEPPAC/UnB, 2010.

PEDROSO, Janari da Silva. **Loucura e assistência psiquiátrica no Pará (1983 a 1984)**. Belém: NAEA, 2008.

ROBERTO, Cardoso de Oliveira. **O Trabalho do Antropólogo**. 2ª ed. São Paulo: Paralelo 15, 2000, p. 16-35

SZASZ, Thomas S. **Ideologia e doença mental: ensaios sobre a desumanização psiquiátrica do homem.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

TAYLOR, Charles. **Argumentos Filosóficos.** São Paulo: Editora Loyola, 2000.

VELHO, Gilberto. **Desvio e Divergência: uma crítica da patologia social.** 8ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2003

VELHO, Gilberto (org.). **Antropologia Urbana: Cultura e sociedade no Brasil e em Portugal.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

Recebido 30/2/2010. Aceito 9/5/2010.